

O Teatro de Emile Fabre

Palar é semear

Sobre a coragem, a bondade
:: e a autoridade ::

A PARTE Roman Roland, interpretando a personalidade da multidão, na sua peça o «14 de Julho», não conheço quem melhor tenha sabido levar para o teatro o drama das grandes massas, quem tendo realizado melhor a transplantação para a scena das audácias da psicologia colectiva, de que Emile Fabre, em qualquer das suas peças tam justamente aplaudidas.

E' verdadeiramente em Emile Fabre, que os personagens de teatro abandonam o individualismo das suas paixões, para exprimirem a influencia da sua época, da sua classe, do seu meio. E' verdadeiramente a democracia posta em teatro, a multidão agindo com personalidade, com carácter, o que Emile Fabre conseguirá demonstrar no seu teatro.

Aqui o povo, não é a massa imóvel, servindo de decoração para marcar o ambiente duma scena. O povo tem personalidade, o povo é actor de primeiro plano. No teatro de Emile Fabre, é o povo, é a multidão que decide do destino dos indivíduos.

O assassinato de Júlio César é um exemplo, o melhor adequado a esta nova estética.

Quando Júlio César cai, não é Júlio César o principal personagem, como não o é tampouco, o seu assassino. Quem é soberano, quem é enorme, quem é o primeiro personagem, é o povo, é a multidão, grandiosa, unificada num único desejo, aclamando os matadores de César.

E' esta a génese do teatro de Emile Fabre.

Ele é o intérprete da alma das multidões. Ele realiza em teatro, o que Zola alcançou no romance: focalizar as tendências, o carácter dos grandes aglomerados humanos. Zola não nos dá o desenho de um grupo de trabalhadores, dá-nos o ambiente do trabalho, atirando para a miséria, para o sofrimento um imenso rebanho humano. E' esta psicologia de grupo, agindo, sofrendo e influenciando, precipitando os acontecimentos como um individuo com carácter, com personalidade própria, que Emile Fabre soube revelar em teatro no «Vie Publique», «Ventres dorés», «Les vainqueurs», e «Timon de Athenes».

Na «Vie Publique», Emile Fabre mostra-nos, no quarto acto, toda uma multidão fragmentada, em pequenos grupos, discutindo, tratando de interesses eleitorais. Não são individuos em luta. E' o conflito dos agrupamentos, até que esses grupos se chocam, se fundem numa massa revolta que é o ambiente do drama, o fundo e a intenção do quadro. No «Timon de Athenes», o mesmo. A peça é a luta de dois individuos: o tirano e a multidão escravizada. A multidão antiga é aqui posta em movimento com um critério realista dos nossos tempos. Ela não serve, como no teatro clássico, de ornamento pitoresco. Aqui a multidão é toda uma personalidade, contrariando, entrando em luta com o tirano Timon.

Na peça «Ventres Dorés», assistimos a um espectáculo soberbo de cólera de uma multidão onde estão representadas todas as classes, desde o camponez, pequeno rendeiro, até ao grande comerciante, multidão dementada pela noticia duma catástrofe na bolsa, revoltada contra aqueles que acabam de levar à ruína, a perda dos seus valores. Esta vaga humana, unida pelos mesmos ódios, pelas mesmas ambições, é bem o principal personagem da peça, que se opõe às traficâncias dos administradores duma empresa colonial.

Toda esta gente age como uma só figura, como um só individuo. Ela duvida da intensidade da catástrofe financeira que lhe vêm anunciar. Resigna-se a esperar, blasfema contra os

Faça-se luz nos espiritos para que os males sociais desapareçam...

PRESADO camarada Constantino de Figueiredo:— Permite-me que lhe diga, camarada, o verdadeiro amor é timidez, é medo aparente...

Um homem ama apaixonadamente uma mulher, mas a mulher a-pesar-de ter bom coração e de o estimar, tem um bocado de mau génio, diz-lhe imprudências quando se zanga, e o homem não se irrita por isso, tem paciência para a desculpar, trata-a muito bem, fala-lhe com meiguice, pede-lhe perdão de qualquer coisa que ela não gostasse, parece ter medo dela, e no entanto, quatro berros, um muro valente sobre a mesa ou uma patada no chão, seria o bastante para assustar a mulherzinha. Trata-a com o respeito que devemos ter pelos mais fracos, mas não tem precisão de lhe oferecer a cara para receber bofetadas, porque isso seria faltar ao respeito a nós mesmos, seria uma indignidade, como diz o camarada e eu concordo.

A coragem que eu aprecio, é a coragem moral, é o homem ou a mulher serem fortes pelo sentimento e pelo espírito: Saberem amar, saberem perdoar, saberem evitar que um mal atinga outrem por nossa causa ou que nos atinja a nós pela nossa própria imprevidência. O homem corajoso é para mim aquele que se sabe vencer a si mesmo, subtraíndo-se o mais possível à influencia nociva do meio estúpido em que vivemos.

Todos os homens têm igual direito à vida e à liberdade e se temos a consciência de que somos livres, devemos compreender que a todos nos assiste uma parcela de responsabilidade colectiva. Todos concorremos para os males sociais de que somos vítimas. O determinismo é uma verdade... o homem é influenciado pelo meio hereditário social, cósmico... e sendo assim não deveríamos acreditar que a uns homens cabe toda a responsabilidade dos males sociais e a outros nenhuma.

Ignorantes, todos nós somos, e às vezes os que estudam mais, ainda são mais ignorantes da verdadeira vida e da verdadeira sciência, do que aqueles cujas faltas e erros pretendemos desculpar, alegando a sua ignorância. Enquanto ao poder que a riqueza dá ao homem e que nos faz parecer que o homem rico, por ser mais poderoso, é o único responsável pelos tormentos que a riqueza privada produz — esse poder não é tam grande como parece.

O homem rico, embora tenha coração e queira fazer bem, não sabe como proceder para ser útil ao seu semelhante, para levantar o moral dos homens, libertando-os do vício e da miséria.

Não tem a liberdade (aliás insensata) de se desaposar e repartir pelos pobres o que possui. A familia não quer que ele seja «pobre de espírito» e dá-lo ia por interdito ou doído, se ele teimasse em fazê-lo!

O homem, rico ou pobre, não pode ser bom como desejaria enquanto não tiver a força de pensamento necessária para contrariar todos os costumes insensatos da sociedade iníqua e desastrada. O dinheiro é um elemento de corrupção na sociedade, não se pode melhorar o moral dos homens se não se pensar muito a sério em ir substituindo a pouco e pouco o regime do dinheiro pelo regime da troca e da confiança mútua, até se chegar ao comunismo livre na sua forma mais perfeita: de cada um segundo as suas forças, para cada um segundo as suas necessidades.

Não entro em apreciações sobre se Cristo existiu ou não; tem-se dito e escrito tanta coisa... Sei que têm existido vários Cristos transbordando de amor, mas que têm sido muito raros esses homens, dadas as causas que influem no pensamento e na acção do homem...

A bondade desses homens não é nenhum privilégio exclusivo concedido pela natureza... é antes a consequência de um conjunto de circunstâncias felizes ou infelizes que tornaram esses homens aparentemente melhores... Se outras fossem as circunstâncias que neles

delapidadores, e por fim precipita-se para vender os seus valores, antes que a baixa se accentue mais.

Enfim, Emile Fabre, com as suas peças, inicia a reacção contra o individualismo no teatro, estudando a alma das plebes vitoriosas, as multidões tentaculares, atacando de frente os modernos problemas sociais, em que já não é só o individuo que sofre, mas toda uma classe, todo um povo, toda uma época.

EDUARDO FRIAS

influíssem, esses homens teriam sido estupidamente iguais aos seus semelhantes!

Não creio pois no Messianismo nem nas verdades reveladas. A Natureza é que é a eterna reveladora da Verdade e só pelo estudo e pela sciência o homem consegue adivinhar os seus segredos...

A autoridade sendo causa, é igualmente efeito... Não creio que hajam causas que não sejam por sua vez efeitos... Causa é o fenómeno que se produziu antes; efeito, o fenómeno que se produziu depois: eis a relação que vejo entre efeito e causa. Não devemos ligar demasiada importância à palavra causa. A autoridade existe porque existe o espirito autoritário — o homem pretendendo impor a sua vontade ao seu semelhante, e é difícil averiguar o que no mundo se produziu primeiro: se a tirania do homem pretendendo impor-se, se a autoridade. E' o caso do ovo e da galinha — Penso pois que nos assustamos demaziadamente com o poder da autoridade, que outra coisa não é que o espirito de tirania de nós todos!

Opunhamos, no convívio social, ao espirito autoritário o espirito libertário, e sejamos coerentes, sejamos pacifistas em vez de sermos revolucionários.

Ser anarquista é ser pacifista. O que se conseguir pela violência, só pela violência se poderá manter. Não poderá diferir muito ou nada do princípio da autoridade. Por esse caminho nunca se chegará ao anarquismo. E é pelo anarquismo que devemos trabalhar e não pelo comunismo ou socialismo de estado!

Nenhum problema social terá solução se o quizermos resolver isoladamente. Para se resolver um problema tem que se ir resolvendo todos os outros que se prendem à mesma engrenagem... e é preciso dar tempo ao tempo.

Saúde e renovação social.

ABLOS



Um "bluff" científico

Dois sábios alemães, os douttores Schmidt e Kayser, fizeram há pouco, em plena Academia das Ciências de Munich, uma sensacionalíssima comunicação.

Segundo a doutrina exposta pelos dois geólogos, a França — sempre a França, o pesadelo teutónico! — está condenada a desaparecer no seio das águas. Afundar-se há lentamente no Oceano Atlântico e no Mediterrâneo, que acabarão por cobri-la completamente.

Comentando esta arrojada afirmação dos colegas germânicos, um sábio francês, o sr. Charles Lallemand, numa palestra que há dias realizou na Academia das Ciências de Paris, disse:

«Comparando os resultados conhecidos e que podem considerar-se irrefutáveis, dos nivelamentos gerais da França, efectuados, com trinta e cinco anos de intervalo, por Bourdalair e por mim, o professor Schmidt chegou à conclusão que o solo, no norte da França, se afundava, indubitavelmente, 2 a 3 metros cada século. O professor Kayser tinha, em seguida, com sábias deduções geológicas, justificado o fundamento desta convicção científica e... patriótica!...

«Ora — conclue Lallemand — demonstrei que o nível do mar, em Brest e em Marselha, mantendo-se inalterável durante o período referido, provou que o desnivelamento achado entre os dois pontos por Bourdalair era unicamente devido a erros sistemáticos das suas operações, pois no novo nivelamento, bastante mais preciso, se constatou que o nível do Atlântico apenas imperceptivelmente differia do do Mediterrâneo.»

As provas com que os alemães documentavam a sua afirmativa ousada eram, pois, as próprias conclusões de Lallemand, nos seus relatórios — e que os dois aproveitaram a seu bel-prazer, dando-lhes o significado que mais lhes convinha.

Um bluff, um autêntico e formidável bluff germânico!